



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 12, Issue, 06, pp. 56968-56979, June, 2022

<https://doi.org/10.37118/ijdr.24734.06.2022>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

COMBATE AO DESPERDÍCIO DE ALIMENTOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO FIGHTING FOOD WASTE: AN ETHNOGRAPHIC STUDY

Luis C. Costa¹, Carlos A. F. Silva¹, Agnaldo S. Lopes¹ and Adriana M. Correia²

¹Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, Brasil; ²Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th March, 2022

Received in revised form

29th April, 2022

Accepted 16th May, 2022

Published online 28th June, 2022

Key Words:

Reaproveitamento de Alimentos;
Tomate; Etnométricos, *Habitus*.

*Corresponding author: Luis C. Costa

ABSTRACT

O presente artigo é uma pesquisa exploratório-descritiva com abordagem qualitativa, realizada na Central Estadual de Abastecimento CEASA/RJ, unidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de verificar o processo de descarte e reaproveitamento dos alimentos, principalmente o tomate, e compreender os etnométodos construídos pelos comerciantes e pessoas que trabalham ou frequentam a CEASA, de forma a examinar seu cotidiano. Os dados foram coletados por meio de uma observação participante e anotados em um diário de campo. Os resultados indicam que a realidade vivenciada no ambiente do CEASA é explicitada pela conduta de alguns indivíduos e as estruturas e circunstâncias sociais as quais os mesmos se encontram. Para transformar os procedimentos relacionados ao desperdício é necessário vencer a força do *habitus* por meio da mudança dos padrões de julgamentos anteriores.

Copyright © 2022, Luis C. Costa et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Luis C. Costa, Carlos A. F. Silva, Agnaldo S. Lopes and Adriana M. Correia. "Combate ao desperdício de alimentos: um estudo etnográfico fighting food waste: an ethnographic study", *International Journal of Development Research*, 12, (06), 56968-56979.

INTRODUCTION

O direito à alimentação em quantidade e qualidade adequadas e suficientes está previsto pela Constituição Federal, mas apesar do Brasil ser considerado um país rico em diversidade e quantidade de alimentos produzidos, milhares de pessoas passam fome devido ao alto índice de desperdício (FAO, 2017). As centrais de abastecimento brasileiras são responsáveis pelo desperdício diário de grandes quantidades de alimentos que deixam de chegar à mesa de famílias de baixa renda. No entanto, os maiores responsáveis são o manuseio e o transporte (ONU, 2012). O transporte de frutas, verduras e hortaliças é algo que faz parte do cotidiano das centrais de abastecimento, em virtude disso, as empresas acabam ignorando as perdas de carga, onde muitas destas ocorrem principalmente com frutos vulneráveis, como é o caso dos tomates (Dos Santos; Ribeiro and Colares-Santos, 2017). No Brasil, dois terços do fruto comercializado é destinado ao consumo *in natura*, portanto, o aspecto externo e sua qualidade, influenciam diretamente a escolha pelo consumidor (Oliveira, Coneglian and Carmo, 2015). O reaproveitamento integral de alimentos é apresentado como uma alternativa para evitar o desperdício. Nas centrais de abastecimento, os alimentos que não são esteticamente adequados, tais como, amassados, muito maduros etc., ou não são considerados adequados para venda, tais como a polpa, cascas, talos e folhas, podem ser reaproveitados com segurança para a

elaboração de novos produtos (Philereno and Dalegrave, 2017). Diante desse contexto, esta pesquisa foi realizada com o objetivo de verificar o processo de descarte e reaproveitamento dos alimentos, principalmente o tomate, e compreender os etnométodos construídos pelos comerciantes e pessoas que trabalham ou frequentam a Central Estadual de Abastecimento CEASA/RJ, unidade do Rio de Janeiro, de forma a examinar seu cotidiano.

METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um estudo etnográfico, tendo em vista que o pesquisador principal realizou uma imersão no campo de pesquisa, frequentando os locais onde o fenômeno ocorria. Esta técnica de coleta de dados busca examinar fatos do cotidiano, de forma a ver, ouvir, interpretar e registrar as informações em um diário de campo. Apresenta, portanto, uma abordagem qualitativa e um caráter exploratório-descritivo (Fiorentini and Lorenzato, 2006). Por não ser membro do grupo, o pesquisador assumiu uma postura de observador-participante (Silva and Votre, 2012). Desta forma, buscou, aos poucos, se aproximar das pessoas que frequentavam o espaço e ganhar a confiança necessária para desenvolver o estudo. Esta postura sujeita o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade (Silva and Votre, 2012). Segundo os meios utilizados, a observação realizada pode ser caracterizada como assistemática, pois

consiste em recolher e registrar fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais (Jung, 2003). A observação participante consiste na participação real do pesquisador na vida de uma comunidade, grupo, equipe ou de uma situação determinada. A observação participante pode ser realizada de forma natural, quando o pesquisador é parte do grupo que investiga, ou artificial, quando o pesquisador se integra ao grupo, espaço, local com o objetivo de efetuar uma investigação. O observador pode ou não revelar que está realizando uma observação, pesquisa ou estudo (Marietto, 2018). No caso deste estudo, foi realizada uma observação participante artificial e foi revelado a todos que o pesquisador estava realizando uma pesquisa. Neste tipo de pesquisa, há vantagens e desvantagens. Como vantagens, a literatura aponta o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros se encontram envolvidos, possibilita o acesso a dados que o grupo considera de domínio privado e possibilita captar as palavras de esclarecimento que acompanham o comportamento dos observados. Em relação às desvantagens, a literatura aponta sobre a possibilidade de uma visão parcial do objeto estudado e também sobre a desconfiança do grupo em relação ao pesquisador, o que ocasiona sonegação de informações por parte do grupo investigado (Gil, 2008).

Itens considerados na observação:

- Público alvo: Quem são as pessoas observadas? Quantas são? A que sexo pertence? Quais são suas idades? Como se vestem? Que adornos utilizam? O que os movimentos de seu corpo expressam?
- Cenário: Onde as pessoas se situam? Quais são as características desse local? Com que sistema social pode ser identificado?
- Comportamento social: O que realmente ocorre em termos sociais? Como as pessoas se relacionam? De que modo o fazem? Que linguagem utiliza?

Crítérios de registro: Buscou-se registrar as anotações no momento da observação, para maior acuidade. Em seguida, ao retornar para casa, o pesquisador passava a limpo e escrevia o diário de campo. Antes de adentrar no campo, o pesquisador buscou um conhecimento prévio do que observar, examinando o local. Elencou os fenômenos que mereceriam registro, além de se preparar para registrar fenômenos que surgissem durante a observação, e que não eram esperados no seu planejamento. Diferentes registros fotográficos foram realizados, mas nunca das pessoas. O pesquisador obteve autorização expressa do CEASA/RJ para observar, fotografar e interagir com as pessoas que se dispusessem a prestar algum esclarecimento.

RESULTADOS

A partir do diário de campo, buscou-se verificar o processo de descarte e reaproveitamento de alimentos, principalmente o tomate, e examinar fatos do cotidiano, ouvindo e registrando as informações, dos comerciantes e pessoas que trabalham ou frequentam a Central de Abastecimento CEASA/RJ, unidade do Rio de Janeiro.

Diário de campo

1º dia: 01/02/2022: Eu me encaminhei ao CEASA/RJ às 07 horas e 40 minutos com uma autorização para fotografar os produtos e os descartes na lixeira. Abordei um guarda no Box 21 com minha autorização para fotografar, o mesmo pediu que eu fosse ao seu supervisor e mostrasse a autorização. Chegando lá o supervisor disse para procurar a administração, pois a autorização era de abril/2020 (esta autorização era para elaborar outro artigo que ainda não concluí). Dirigi-me à administração para fazer a solicitação. Chegando lá, foi-me informado que o responsável ia estar presente somente às 9 horas. Sai de lá e fui tomar um café. No entanto, quando retornei à administração, foi-me informado que o responsável não iria comparecer ao CEASA, pois tinha uma reunião. Saindo de lá fui dar uma volta para olhar o ambiente, minha atenção neste primeiro momento foi observar os descartes de hortifrutigranjeiros nos boxes em geral. Observei que existem suas próprias regras, é um comércio

variado, apresentando desde frutas e hortaliças até o famoso cafezinho. A movimentação das pessoas, assim como de animais soltos, é intensa, principalmente gatos e cachorros. Chamou minha atenção no pavilhão 21, conhecido como “A Pedra”, informação dada pelo guarda, que neste local não há divisão por boxes, mas os produtores pagam o espaço para expor suas mercadorias e vendê-las. Olhando para as rampas, pude observar vários carregadores puxando carrinhos volumosos (caixas e sacos) subindo e descendo, levando os produtos para os caminhões. O guarda me informou que esses carrinhos são chamados de “burro sem rabo”. As plataformas dos boxes são emparelhadas na altura da carroceria ou baú do caminhão, para que os produtos sejam carregados e descarregados rapidamente. Para a passagem do carregador da plataforma para o galpão de armazenamento, os mesmos precisam atravessar uma rua de intenso trânsito monitorada por um guarda. Em conversa com o guarda, fui informado sobre acidentes fatais com carregadores, em virtude disso, atualmente há um guarda orientando o trânsito, pois, quando o “burro sem rabo” desce, ninguém consegue pará-lo. Passando pelos boxes em geral, vi que são divididos por segmentos: Pavilhão dos descartáveis, dos hortifrutigranjeiros, dos peixes, etc. Fui informado pelo guarda que a minha linha de pesquisa poderia ser concentrada no pavilhão da “Pedra”, pois lá tem o maior fluxo de descartes de alimentos, principalmente o tomate. Então, percebi que ali se concentrava o comércio varejista de compradores de pequeno e médio porte, ficando as mercadorias expostas nas suas respectivas caixas para a livre comercialização de produtores e comerciantes. Continuei minha jornada entre os pavilhões e minha atenção voltou-se para os grandes boxes de vendas no atacado, percebi que o guarda tinha me dado uma dica valiosa, pois o descarte dos alimentos quase não existia fora da “Pedra” porque a maioria dos produtos vinham em caixas fechadas e eram comercializados dessa mesma forma. O pequeno descarte nos boxes ocorria somente quando alguma caixa caía e quebrava, e logo apareciam catadores para selecionar esses produtos do chão (Figura 1).



Figura 1. Caixa caída

Observando informalmente e conversando com as pessoas, percebi que a maior parte dos compradores, era comerciante de mercados de pequeno e médio porte e sacolões, comprando caminhões fechados de mercadorias, pois se torna mais vantajoso financeiramente comprar em conjunto e após dividir os produtos entre si. Fui até um Box onde havia várias caixas de tomates, prestei atenção e vi que a venda era por ocasião, com vendedor jogando preço alto e o comprador negociando, até chegarem a um denominador comum. Cabe salientar também a presença constante de carregadores oferecendo seus serviços e de vendedores informais, oferecendo bolo, café, salgados, entre outros etc.

2º dia: 02/02/2022: Cheguei à Divisão Operacional da Unidade Central (DIOPA I) e consegui falar com o responsável que renovou a autorização para fotografar. O responsável assinou a original e uma cópia do documento. A original foi entregue à supervisão de segurança do CEASA/RJ e a cópia ficou comigo, para caso alguém me abordasse, eu mostraria a autorização. Desloquei-me à supervisão, e a pedido do supervisor do dia, eu entregaria a autorização no plantão do dia seguinte ao supervisor que tive o primeiro contato. Antes de sair, ele disse que o mais prudente seria solicitar a um

guarda para que me acompanhasse durante todo o trajeto dentro dos pavilhões, tendo em vista que eu poderia ser confundido com um agente policial. Mediante este relato, agradei-lhe, acatei as ordens e me encaminhei para os pavilhões, sem tirar fotos ou conversar com ninguém. Encaminhei-me então ao pavilhão da “Pedra”. Chegando lá, observei a movimentação de pessoas que estavam próximas a uma van identificada como “Centro de Recuperação de Dependentes Químicos”. Após algum tempo eles se separaram, se dirigiram para alguns boxes e voltaram com alguns donativos em mãos. Apurei que o CEASA/RJ contempla algumas instituições cadastradas, no chamado “Banco de Alimentos”, no entanto, esta van provavelmente não estava cadastrada, pois o veículo que recolhe as doações para o Banco de Alimentos do CEASA é identificado conforme a Figura 2.



Figura 2. Veículo que recolhe as doações para o Banco de Alimentos do CEASA/RJ

Uma parte do grupo da van foi às caçambas procurar alimentos em bom estado, e nesta mesma hora, minha atenção se voltou a uma senhora de meia idade selecionando tomates. Ela separou cinco caixas com tomates de bom aspecto, tendo o cuidado de limpar os tomates que estavam muito sujos, em uma lata com água. Pude observar a bondade da senhora, que entregou duas caixas de tomates para os rapazes da van, dizendo-lhes que uma caixa ela levaria para consumo familiar e as outras duas seriam para vender.

3º dia: 03/02/2022: Cheguei por volta das 08 horas, dirigi-me à supervisão da segurança, entreguei a autorização e pedi para um guarda me acompanhar durante o trajeto. Então fui orientado a ir até o guarda da “Pedra”. O guarda me acompanhou até os produtores e vendedores. Tirei fotos de tomates de diversos vendedores e observei como eram comercializados os produtos naquele pavilhão (Figura 3). Ao perguntar informalmente a um vendedor da “Pedra”, descobri que muitos são os próprios produtores, que o legado é passado de geração em geração. O senhor que conversei, era produtor de tomates do município de Paty de Alferes/RJ.



Figura 3. Comércio na Pedra.

A presença de restos de vegetais e tubérculos no chão do pavilhão da “Pedra” chamou minha atenção, então, tirei fotos e dirigi-me a uma das caçambas de descartes (neste pavilhão há duas caçambas) e observei muitos tomates que poderiam ser aproveitados, e não avistei nenhum catador. Ao lado do pavilhão 21 da “Pedra”, há um galpão que os produtores utilizam para guardar os seus excedentes. Quando a mercadoria está acabando na Pedra, o produtor solicita aos carregadores que tragam mais produtos, os quais podem ficar armazenados por vários dias. Pedi ao guarda para me levar nesse galpão e me apresentar ao responsável, pois eles são todos funcionários do CEASA. Pedi para tirar algumas fotos, e fui prontamente autorizado. O local era muito organizado. Observei que não havia demarcação, então perguntei ao responsável, que reportou que todos os produtores sabiam o seu espaço. Tirei fotos do “burro sem rabo” que se encontrava carregado com tomates e outros produtos (Figura 4).



Figura 4. O “burro sem rabo” carregado com mercadorias

Ao redor do pavilhão 21, há um comércio varejista dos produtos que são descartados pelo CEASA, como abóbora, hortaliças, leguminosas e ovos. Este tipo de comércio não possui autorização, sendo comercializado ao lado da entrada das rampas de acesso ao pavilhão. Fui apresentado a um senhor que trabalha no CEASA há mais de 35 anos, o mesmo me informou que iniciou aos 15 anos, então perguntei se poderia pegar seu depoimento no meu último dia de pesquisa, pois iria enriquecer muito o artigo. Enquanto terminava de falar com o senhor, nossa atenção se voltou para um carregador com diversas caixas de cenouras, que estava descendo a rampa, no entanto, ao atravessar a rua, ele desequilibrou e deixou cair uma caixa. Prontamente, eu e outras pessoas o ajudamos a recolher as cenouras, colocando-as na respectiva caixa, no entanto, como foi colocado de forma desorganizada, sobram muitas no chão. Mesmo assim, o carregador agradeceu e foi embora, desperdiçando e dando prejuízo ao produtor. Algumas pessoas logo apareceram para recolher as cenouras. Andando ao lado do guarda, notei várias pessoas me olhando, no dia anterior não fui notado, pois estava sendo tratado como “comprador”. Alguns carregadores me perguntaram o que eu estava fazendo, expliquei-lhes que era uma pesquisa para um artigo científico, e um deles falou: “Tio, se eu quero pesquisar alguma coisa, eu entro no Google”, eu sorri e expliquei que são pessoas iguais a mim que fazem este tipo de trabalho e publicam o conteúdo no Google, se pessoas como eu não fizessem isso, não existiriam artigos para serem pesquisados. O guarda teve que voltar ao seu posto, enquanto eu fiquei andando pelo pavilhão da “Pedra”, tirei várias fotos de tomates descartados em bom estado, porém ninguém apareceu para coletar. Passando perto de um carregador escutei os dois conversando e falando que eu não era “X9” (termo usado para pessoas que passam informações para autoridades policiais), que eu era o “tio pesquisador de tomates”, e que as fotos que eu estava tirando, era somente do que estava sendo descartado e que não iria fotografar o rosto das pessoas. Olhando atentamente, vi que o comércio de tomate-cereja estava em alta, custando 50% menos que o normal. Perguntei o motivo e fui informado que o produtor tinha que vender senão o produto poderia estragar e dar-lhe prejuízo. Saindo de lá, dirigi-me ao guarda, despedi-me e fui ao galpão de armazenamento e me despedi das outras pessoas que ali estavam,

dentre os quais, funcionários do CEASA, produtores e carregadores. Encaminhando-me ao veículo para sair, senti um forte cheiro e vi um grupo de pessoas passando cigarro entre eles, prática comum naquele local.

4º dia: 04/02/2022: Neste dia, cheguei ao CEASA na parte da tarde para ver o movimento no final do expediente dos produtores e vendedores. Chegando ao pavilhão 21 da “Pedra”, onde estou concentrando minha pesquisa, vi que o movimento de pessoas e produtos comercializados estava baixo. Fui conversar com o guarda e o mesmo disse que o movimento inicia às 3 horas da manhã e vai até às 12 horas. Que este horário encontraria a “xepa” (final de feira e os produtos são vendidos mais baratos). Resolvi então me aventurar em outros pavilhões, observando as caçambas, mas o caminhão da Comlurb já havia passado, levando todos os descartes.

Nesta minha caminhada, observei um movimento intenso no pavilhão 12, chamado de “Mercado do peixe”, o qual continha grande variedade de espécies de peixes tanto de água doce como salgada, crustáceos, moluscos, etc. Havia muita gritaria no local, devido à negociação entre vendedores e compradores. Observando o local, constatei que os descartes eram colocados em baldes e depois levados para a caçamba de descartes, só que diferentemente dos hortifrúti, o seu recolhimento era bem mais rápido. Na minha percepção, não dava para aproveitar aqueles alimentos, pois diferente das hortaliças, esses produtos ficavam esfarelado ou virando “gosma”. Olhando a caçamba mais de perto, notei que havia muitas moscas e gatos. Em um determinado momento, estava me preparando para tirar fotos da caçamba, e um carregador aconselhou-me a não fazê-lo, pois dentro do CEASA há diversos tipos de pessoas, boas e ruins, e eu não era conhecido naquele pavilhão.

Comecei a andar por outros pavilhões e constatei várias carretas e caminhões chegando, fiquei curioso em saber qual seria a mercadoria, então, aproximei-me dos caminhões que estavam manobrando e pude observar que eram cargas de melancias e abacaxis. Apresentei-me ao motorista de um daqueles veículos e expliquei a finalidade do meu estudo e perguntei se poderia fazer algumas perguntas, e ele então concordou. Perguntei de onde ele vinha e qual a quantidade que ele estava carregando: Ele me disse que era do Pará e que estava com aproximadamente 750 caixas de abacaxi, e que a mercadoria vinha solta enrolada na palha, assim quando chegava ao CEASA ele as encaixotava, e desta forma conseguiria trazer 50 caixas a mais. Constatei que o abacaxi é comercializado em caixas, enquanto que a melancia é vendida por tonelada e no varejo por unidade. Continuei andando.

Vi um caminhão descarregando melancia, então cheguei perto do motorista, expliquei a minha pesquisa e conversei com ele, que disse que as melancias vinham de Goiás, mencionando que eram “os produtores de melancias mais doces do Brasil”. A melancia também vinha na palha, só que diferente do abacaxi, ela era posta em carrinhos fechados de 2 metros de comprimento por 1,30 de largura e 1,50 de altura, totalmente fechados nas laterais (medidas passadas pelo motorista). Conversando sobre o frete ele disse que ganhava R\$500,00 por tonelada ou o valor do caminhão fechado, para ele era mais vantajoso ganhar por toneladas. Ele ainda admitiu que veio com carga acima do peso permitido e furou a balança para faturar mais.

Voltei ao pavilhão da “Pedra” e encontrei um comércio intenso de abacaxi, os caminhões que havia visto descarregar, já estavam sendo comercializadas ao lado do galpão da “Pedra”, que é um galpão menor. Perguntei o valor e me foi informado que a caixa estava R\$70,00. Vi várias pessoas comprando muitas caixas. Fui olhar as caçambas e observei que já havia muito descarte de abacaxi e melancia (Figura 5).

Andando para o pavilhão 11 vi também nas caçambas as palhas que os motoristas trouxeram o abacaxi e a melancia. Neste momento, algumas pessoas estavam pegando essas palhas e levando para o local chamado “caixotaria”. As acompanhei e vi que as armazenavam, então perguntei a uma pessoa, e a mesma mencionou que era para

fazer fogo na madrugada. Perguntei se não tinha medo de colocar fogo e pegar nas caixas de ripa, a pessoa sorriu e falou que se pegasse fogo, como já pegou, havia um quartel de bombeiros na parte da frente do CEASA. Esta parte, o acesso é na Avenida Brasil.



Figura 5. Descarte de abacaxi e melancia.

5º dia: 05/02/2022: Cheguei ao CEASA por volta de 3 horas da manhã, e vi o descarregamento de vários caminhões de todos os tamanhos. Algumas caixas já ficavam ali para demarcar o espaço dos produtores na “Pedra” e o restante das caixas, os produtores estavam levando para o depósito ao lado do pavilhão. Às 4 horas, mais ou menos, iniciou o comércio, assustei-me com a quantidade de pessoas. Os produtos que se destacavam na venda eram a batata-doce, batata-inglesa e os tomates. Reparei que vários comerciantes abriam os caixotes dos tomates e colocavam uma parte em caixotes abertos e a outra ficava fechada. Às 7 horas conversando com o guarda, o mesmo me informou que naquele dia eu veria um grande movimento de instituições de caridade, ONG’s e dependentes químicos fazendo pedidos de doações em todos os locais. Disse que são instituições que não estão cadastradas no Banco de Alimentos do CEASA.

Algum tempo após, vi várias caixas com diversos produtos sendo empilhadas ao lado de kombis e vans. Um senhor que se denominava pastor, em Tinguá, Nova Iguaçu/RJ, disse que os donativos eram para uma instituição de dependentes químicos que a sua igreja mantinha, além também, do famoso sopão que é feito para moradores de rua. Ele me convidou para conhecer à instituição e divulgar o seu trabalho. Fora essas doações, ele disse que recebia doações de mercados e pessoas físicas. Nesta hora vi algumas pessoas trazendo doações de material de limpeza e de higiene pessoal, eram fardos de papel higiênico, embalagens fechadas de pastas de dente, etc. Agradei-lhe e voltei minha atenção ao outro lado da “Pedra”. Fui até a caçamba da “Pedra” e vi vários tomates, além de tubérculos, como batata, inhame e aipim. Havia uma quantidade considerável de catadores selecionando os descartes. Notei que muitos produtos estavam em bom estado para o consumo e que eles já haviam separado várias caixas, principalmente com tomates. Eles lavavam esses tomates e colocavam nas caixas. Fui almoçar às 12 horas, ali mesmo no CEASA e observei que vários carregadores também almoçavam no mesmo local. Reparando neles, vi que o consumo de álcool e drogas era intenso. Voltando à “Pedra”, vi que as pessoas das instituições já haviam ido embora. Dando uma volta pelas plataformas de descarregamento, constatei muitos tomates no chão e alguns caixotes quebrados. Fui para o outro lado da plataforma e vi muitas laranjas jogadas em num canto, e que havia dois catadores selecionando-as (Figura 6). Expliquei sobre o projeto, pedi para tirar fotos somente das laranjas, e eles autorizaram. Conversando com os dois rapazes, aparentemente menores de idade, mencionaram que eram amigos, moravam em uma comunidade chamada Acari, e que as laranjas seriam ensacadas e vendidas na feira. E o mesmo faria com os tomates. Continuei por lá e vi o caminhão de lixo recolhendo os descartes no pavilhão 21, me aproximei do gari e perguntei-lhe onde era descartado aquele material, ele disse que era levado para estações de transferência e depois para Seropédica, onde é o Centro de

Tratamento de Resíduos (CTR) do estado do Rio de Janeiro. A Central possui um moderno aterro sanitário bioenergético, preparado com rigorosos padrões ambientais para tratar tudo de forma adequada e segura (CICLUS, 2022).



Figura 6. Descarte de laranja

Vi que no caminhão havia vários sacos de gelo vazios e que havia coisas dentro deles. Perguntei ao gari o que eram nos sacos e ele disse que usava para selecionar alguns produtos que eles poderiam vender, como latinhas, ferros, cobres, etc. Ele disse que eu não tinha noção do que o lixo dava a eles, “lixo de uns, ouro de outros”. Voltei novamente ao lado do guarda e fiquei olhando o movimento. Neste momento eu estava no pavilhão 31 e vi um carregador descendo com várias caixas no seu “burro sem rabo”, o guarda deu ordem para um carro preto parar, mas o mesmo não obedeceu. O carregador vindo que ia ser atropelado tentou parar, mas não conseguiu, o rapaz do carro parou quase em cima, neste momento caíram cinco caixas de ovos, e logo iniciou uma gritaria de todos os lados. Eu e o guarda fomos até o local e constatamos que o motorista estava aparentemente embriagado ou drogado. Um grupo de carregadores apareceu querendo bater no motorista, mas o guarda sabiamente mandou o mesmo ir embora imediatamente, para evitar confusão. Ajudamos a recolher as caixas, mas não teve muito que aproveitar. O carregador levou a carga embora e logo apareceram vários catadores com baldes de água, pedaços de pano e cartelas de ovos vazias. No meio daqueles ovos quebrados, havia inteiros, os mesmos lavavam e realocavam nas cartelas, e dessa forma, rapidamente tinha várias cartelas completas. Fiquei observando, e vi que eles foram para o pavilhão 11 e começaram a vender os ovos, perguntei o valor das cartelas, mencionaram que estava custando R\$13,00 e ainda fizeram propaganda, que eram ovos grandes e frescos. Eles não prestaram atenção que eu havia visto tudo. Agradei e segui meu caminho. Voltei ao pavilhão da “Pedra” e me deparei com uma liquidação de caixas de tomates, o preço estava 50% mais barato. Notei que estavam bem maduros e que se os produtores não vendessem, o produto iria para o lixo. Cheguei próximo de um produtor e perguntei para ele o valor, respondeu que pela manhã cobrou R\$80,00 pela caixa fechada, mas à tarde ele teve que baixar o preço para R\$40,00 por dois motivos, primeiro que estava muito maduro e segundo porque foi feita a colheita e havia muitos tomates novos para comercializar em seu sítio. Pedi a ele que guardasse uma caixa para mim, no entanto, quando voltei ele disse que havia esquecido e vendeu.

Minhas atenções voltaram para o armazenamento de caixotes, fui à caixaria e vi que estava tendo um comércio muito grande de caixas. Segui para o lugar que os carregadores estavam levando as caixas e vi que no pavilhão 31, havia acabado de chegar vários caminhões de abacaxi, e os motoristas estavam comprando as caixas para armazenar esses produtos. Conversei com um motorista e ele disse que esses abacaxis vinham da Paraíba, diferentes dos outros que vinham do Pará. Ele me falou que a produção de abacaxis estava intensa. Na semana anterior ele tinha levado um carregamento para São Paulo, após pegou uma carga de alumínio voltando para a Paraíba, assim que chegou lá, pegou essa carga para o Rio de Janeiro, e por fim, tinha

uma carga de óleo lubrificante para levar para Paraíba e depois não sabia ao certo seu destino. Perguntei-lhe o estado em que ele residia e ele disse Rio Grande do Norte. Falei que era longe da Paraíba, ele disse que tinha cinco filhos, quatro em idade escolar, e que não tinha escolha, precisava trabalhar para sustentar a família. Andando até o pavilhão 41, vi alguns caminhões de grandes supermercados, tais como, Carrefour, Mundial, Supermarket, e que muitos deles tinham Box no CEASA. Cheguei mais perto, apresentei-me ao gerente do Carrefour, pedi para tirar algumas fotos, mas ele disse que não poderia tirar dentro do Box, pois seria necessário a autorização de seu respectivo supervisor, então, agradei, e continuei somente observando. Fui ao Box ao lado, que era do Mundial, e também só observei. Neste momento chegou um caminhão para o descarregamento, e ao mesmo tempo em que um conferente dava entrada, outro selecionava alguns produtos e já os armazenavam nos caminhões para entrega nos supermercados da rede.

6º dia: 07/02/2022: Cheguei ao CEASA às 6 horas, neste dia o movimento estava devagar, tanto de pessoas quanto de mercadorias, pois segunda-feira é um dia tradicionalmente de menor movimento. Já se passou uma semana da minha pesquisa e cada vez mais tenho andado sem o guarda. Cumprindo todas as ordens de segurança estabelecidas. Olhando a caçamba vi vários tipos de alimentos, mas o que me chamou a atenção foi o cheiro de algo em decomposição. Olhando mais de perto, constatei que era devido ao descarte acentuado de batatas neste dia. Neste momento, dei uma volta por dentro da “Pedra”, e o comércio estava devagar e sem variedade de produtos. Observei alguns carregadores com garrafas de cachaça, cada um bebendo um pouco e ao fundo havia uma caixinha de som em que tocava forró. Não se passou muito tempo e começaram as brigas, um falando que o outro havia bebido mais e a turma do “deixa disso” chegou para desapartar a briga. Saí de perto, pois alguns carregadores andam com canivetes ou peixeiras na cintura.

Ao observar novamente as caçambas, constatei que estavam cheias, principalmente de tomates. O local estava cheio de catadores reclamando que os tomates estavam em péssimo estado. Quando olhei mais de perto constatei que os tomates estavam muito maduros e se decompondo. Descobri que o descarte era de um vendedor da “Pedra”. O vendedor falou que os produtos já estavam passados, e ele aproveitaria os caixotes. Fui até outra caçamba e vi uma Kombi também descartando alguns produtos, achei estranho, aproximei-me do motorista e perguntei-lhe porque estava descartando aqueles produtos ali, então o mesmo disse que tinha um sacolão em uma comunidade e todos os produtos que eram comercializados, ele não jogava no lixo do sacolão porque a comunidade era muito pobre e se ele fizesse o descarte lá, ele não conseguiria vender os seus produtos. Então quando ia ao CEASA comprar novas mercadorias, ele descartava os alimentos ruins naquela caçamba. Escutei um barulho muito alto vindo do pavilhão 11, e vi que era um abaloamento entre um caminhão e um carro. Os motoristas dos veículos ficaram discutindo, e logo o guarda chegou para mediar a situação, então saí do local, voltando minha atenção para o descarte de tomates. Próximo à descida da rampa do pavilhão 21, havia placas avisando aos motoristas e pedestres para tomarem cuidado ao atravessar. Ao tirar foto de um dos avisos que há em todas as laterais dos boxes, fui abordado por dois rapazes questionando-me: “Porque você está tirando fotos da gente? Você sabe que não pode tirar fotos aqui dentro, quem manda aqui somos nós”. Neste momento os olhei atentamente, um estava montado em uma motocicleta e o outro a pé. O que estava na motocicleta sacou uma pistola e colocou em cima da perna e fez a seguinte ameaça: “Se continuar tirando fotos aqui eu vou te furar todo”. Vendo esta situação minha única alternativa foi parar e então tentei me aproximar dos rapazes para explicar sobre a pesquisa, e que meu interesse era somente nos alimentos descartados. No entanto, o rapaz com a pistola a colocou novamente na cintura e foi embora, ficando somente o outro rapaz. Ele disse assim: “ali dentro tinha várias pessoas que tinham bronca com a justiça e que isso poderia dedurar onde eles estavam”. Olhei para ele e vi que ele estava de tornozeleira eletrônica. Mencionei que não havia notado a presença deles, por isso não havia conversado antes. Neste dia, minha “ficha caiu”, então saí do CEASA e fui direto a uma estamperia de camisetas

e pedi que estampasse na parte da frente e atrás: “Pesquisador”, o símbolo e a logo da minha universidade e meu nome, tentando me identificar ao máximo. Fui almoçar, e voltei ao CEASA vestido com a camisa, fui até o guarda e o mesmo notou que eu estava identificado, relatei-lhe o ocorrido e o mesmo elogiou minha atitude, e disse que eu era bastante conhecido no pavilhão da “Pedra”, mas nos outros não. Perguntou-me se eu gostaria que um guarda me acompanhasse, eu falei que não havia necessidade, e que aquele episódio não ia afetar a mim e a pesquisa. O guarda me levou ao depósito ao lado do pavilhão 21 para tirar fotos e conversar com os funcionários do CEASA. Observei que o depósito estava repleto de mercadorias, tirei algumas fotos e fiquei conversando com um dos funcionários. Ele relatou que o CEASA estava muito perigoso, que a cada ano a criminalidade e a venda do corpo aumentavam gradativamente e que ele nunca viu o local daquele jeito e que pensava em sair de lá, pois já era aposentado. Eu relatei-lhe o ocorrido mais cedo e ele disse que eu não seria o primeiro e nem o último a receber esse tipo de tratamento. Ele disse que os repórteres são ameaçados com muita frequência. Despedi-me de todos e fui ao encontro do meu veículo, mas no meio dessa caminhada pude observar duas mulheres, uma gestante, vendendo espetinho de camarão, quando passei próximo a elas, me ofereceram e eu recusei. Elas ofereceram a um grupo de pessoas mais à frente e uma delas comprou, comeu um camarão, mas não conseguiu engolir e disse que estava muito ruim, jogando todo o espetinho no lixo.

7º dia: 08/02/2022: Cheguei ao CEASA às 6 horas, dirigi-me ao pavilhão da “Pedra” e encontrei um casal vendendo tomates na subida da rampa, perguntei o valor e conversei com eles. Disseram que conseguiram os tomates na caçamba de descarte. Observei que conseguiram selecionar três caixas. Não dava para acreditar que os tomates eram de descarte, pois estavam em ótimo estado de conservação, não estavam totalmente maduros e eram bem grandes. Disseram que a caixa custava R\$50,00, e que com eles estava mais barato, porque na “Pedra” estava custando R\$80,00. Fui até a caçamba que eles haviam selecionado e constatei que ainda havia muitos tomates bons a serem selecionados. Dando uma volta pelo pavilhão vi que a reclamação do dia era o preço da cenoura, que estava R\$150,00 a caixa com 15 quilos e mesmo que as pessoas quisessem não havia quase produto para venda, a famosa “lei da oferta e da procura”, quanto mais produtos tem, menor vai ser o valor deste produto, quanto maior a procura e menor a quantidade do produto, maior será o seu valor.

Voltando a minha atenção para a saída do pavilhão 21, foi relatado pelo vigilante que mais cedo havia chegado um caminhão com várias caixas quebradas e com muitos alimentos danificados. Ele havia jogado na caçamba e um grupo muito grande de catadores coletou os alimentos. O guarda então, aconselhou-me a ir ao pavilhão 31 e 41, pois a maioria dos produtos estaria à venda nas subidas dos pavilhões. Chegando lá, observei que o guarda tinha razão, havia várias caixas de tomates, pepinos, maxixes, sacos de cebola entre outros. Cheguei próximo a um vendedor e perguntei-lhe se havia comprado para revender aqueles produtos, ele sorriu e disse: “que nada, tio, foi um caminhão com tudo quebrado, nós arrumamos os caixotes e o que sobrou fora das caixas, o motorista nos deu”. Notei também que havia caixas de tomates fechadas e perguntei-lhe o valor. Ele disse que estava vendendo pelo mesmo valor da “Pedra”, só que as caixas abertas de tomates eram 20% mais baratas. Agradei, dei uma volta pelo pavilhão e retornei para “Pedra”. Andando pela plataforma de descarga de caminhões, notei que havia várias leguminosas e frutos jogados ao chão, muitos deles em perfeito estado, no entanto, não havia ninguém fazendo a coleta. Lembrei-me de uma situação similar que havia ocorrido dias antes, por isso, desci a plataforma e observei que no chão havia um tipo de óleo, com um cheiro insuportável de podre, então constatei que aqueles alimentos estavam contaminados pelo óleo e pela água que parecia o líquido que escorre dos caminhões de lixo, chamado de chorume. Voltando ao comércio dentro do pavilhão, notei que alguns produtores estavam abrindo as caixas e trocando os produtos de caixas, principalmente o tomate. Perguntei a um produtor e ele disse que era para deixar os tomates mais expostos, mas eu já tinha a informação de que os tomates em caixas abertas tinham menor quantidade do que em caixas fechadas. Neste

momento, chegou o caminhão que recolhe as doações para o banco de alimentos, que é uma iniciativa do Governo do Estado com o CEASA para doar para mais de cem instituições cadastradas para receber produtos hortifrutigranjeiros.

8º dia: 09/02/2022: Cheguei ao CEASA às 7 horas. O dia começou agitado. O guarda me informou que quase houve um acidente entre um caminhão e um carregador, que novamente o veículo não havia respeitado a sua sinalização para parar e houve discussão. Chegando ao pavilhão 21 da “Pedra”, fui abordado por um carregador, que me perguntou se podia levar minhas compras. Falei a ele que estava fazendo uma pesquisa e que não compraria nada, então ele disse que me confundiu com um comprador, pois eu estava com um caderno fazendo anotações. O carregador mencionou que nunca havia conhecido um pesquisador e que só havia escutado essa palavra nas pesquisas de políticos transmitidas na televisão. Fui às caçambas, uma continha poucos resíduos, no entanto, a outra estava cheia de cocos abertos. Voltei para a plataforma e notei que havia muitos abacaxis amassados e jogados pelo chão. Vi que havia uma senhora recolhendo estes abacaxis, dirigi-me até ela, apresentei-me e perguntei o que ela faria com os abacaxis. Ela disse que aquele produto iria ser triturado para fazer “sacolés” e que no dia seguinte ela venderia ali mesmo no CEASA, pois aquele abacaxi não lhe renderia dinheiro, mas se ela fizesse “sacolés”, no outro dia ela poderia vender a R\$2,00 cada. A senhora pediu-me se poderia comprar os saquinhos de sacolés, então a ajudei com R\$5,00.

Andando pela “Pedra”, notei a presença de muitos ambulantes vendendo seus produtos, mais do que o normal. Achei estranho, pois como estava a um tempo frequentando o CEASA, já os conhecia ao menos de vista, mas naquele dia havia muitos desconhecidos, até chineses vendendo relógios e outras quinquilharias. Após, ouvi vários vendedores reclamando do preço do abacaxi, que estava muito barato e a margem de lucro não daria nem para pagar a gasolina. Concentrei-me novamente nas caçambas, observei vários tomates em decomposição e enquanto tirava algumas fotos, ouvi alguns catadores reclamando que os tomates estavam em péssimo estado e não poderiam aproveitar nada. Fui informado por um carregador que na caçamba do pavilhão 41, o Box do Mundial e do Carrefour, haviam descartado alguns produtos, rapidamente fui até lá, no entanto, ao me aproximar, vi um grupo grande de catadores, tentei tirar fotos, mas não foi possível chegar próximo à caçamba. Esperei pacientemente as coisas se aclamarem e fui olhar o que haviam separado. Os tomates que observei com os catadores eram bons para o consumo, mas não para venda, pois estavam amassados. Havia também abóboras com partes podres que os catadores cortavam para poder vender. Observei também pepinos, bons e estragados, entre outros tubérculos e frutos que eles estavam fazendo a seleção. Voltando ao pavilhão 21, conversando com o guarda reparei que a entrada entre o pavilhão e o depósito era uma rua bem larga, depois do episódio de dias antes com o carro preto que quase atropelou o carregador, a gerência do CEASA pediu que fossem colocadas algumas placas de concreto delimitando a passagem dos veículos, dessa forma, todos eram obrigados a passar pelo guarda, sem burlar a fiscalização. O guarda disse que provavelmente o caminhão-pipa viria lavar todo pavilhão, então, aguardei até às 18 horas, porém o caminhão não apareceu. Neste meio tempo, fui novamente tirar algumas fotos da entrada do pavilhão para anexar à pesquisa, e observei um vendedor ambulante, vendendo tomate partido ao meio, me aproximei e perguntei o que era aquilo. Ele disse que era o fruto recheado com pimentão, presunto, queijo e assado no forno, ele também disse que fazia outros vegetais recheados, como pimentões e berinjelas. Ele me ofereceu a R\$2,00 cada, mas confesso que não tive coragem de comer, por suspeitar da procedência e higiene no preparo daqueles alimentos. Voltei minha atenção para a “Pedra”, dei uma volta no meio do pavilhão e notei uma grande quantidade de hortaliças sendo comercializadas, principalmente cebolinha, coentro e cheiro verde. Não entendi o porquê desta quantidade e questionei ao vendedor. Ele disse que já estava na hora do comércio dos peixes e casualmente alguns compradores compravam amarrados destes produtos e fracionavam para a venda. Então me encaminhei até o pavilhão do peixe e fui pesquisar as caçambas, no entanto, como era início do comércio,

estavam vazias. Entrei no pavilhão para olhar os produtos ali comercializados. Olhando para o lado, vi que o guarda abordou um senhor e um rapaz e não o deixou entrar. Fui até o guarda, identifiquei-me e perguntei-lhe o motivo, e o mesmo respondeu que ali só poderia entrar de calça e sapato fechado, que eram são ordens de seu superior e deveriam ser cumpridas. Saí de lá e voltei ao pavilhão 21. No caminho fui abordado novamente por diversos carregadores, então repeti a todos que não era comprador e falei sobre o intuito da minha pesquisa. Chegando ao pavilhão da “Pedra”, me distrai escrevendo no meu caderno de anotações e quase fui atropelado por um carrinho de melancia, desviei dele e quase outro “burro sem rabo” me atropela. O trabalho no CEASA é muito dinâmico, um segundo de distração, pode gerar um acidente. Quando já estava no pavilhão, despedi-me do guarda e das outras pessoas e fui embora.

9º dia: 10/02/2022: Nesta quinta-feira, fui ao CEASA após o almoço, mas logo no estacionamento constatei que o dia estava diferente. A minha entrada até aquele momento era pelos fundos pela Av. Pastor Martin Luther King Jr. Assim que entra, a caixa fica no lado esquerdo, e ali ficam também alguns vendedores de caixas. Quando estacionei, observei diversas pessoas agitadas, a maioria apresentava ter menos de 20 anos e alguns estavam com tornozeleira eletrônica, tanto homens quanto mulheres. Vi também muitas motos circulando dentro do CEASA, o que não era habitual. Estava me dirigindo ao pavilhão da “Pedra”, e passei por dois rapazes que se apresentavam nervosos falando que o gerente da favela, próxima ao CEASA, foi preso e que a comunidade estava cheia de policiais. Neste momento, começamos a escutar diversos tiros vindos da comunidade. Os guardas se mostraram apreensivos, pois não sabiam o que poderia acontecer. Então fui até as caçambas tirar algumas fotos, em uma delas havia muitos pimentões verdes e vermelhos e os catadores estavam fazendo a seleção. Fui até a outra, e lá havia muita melancia estourada, muitos catadores também, porém, as melancias não davam para aproveitar. Fui dar uma volta dentro do pavilhão para ver como estavam as vendas dos tomates. Conversando informalmente com eles, disseram-me que estavam preocupados com o acontecido na comunidade, pois na hora da saída era o caminho deles irem para suas casas. O medo de alguns era tanto, que decidiram que sairiam pela Avenida Brasil e andariam mais alguns quilômetros para não saírem em frente à comunidade. Fui ao bar tomar um café e o assunto era o mesmo. A maioria dos frequentadores do bar eram carregadores e pelo que pude apurar, muitos moravam na comunidade, falavam bem do gerente da favela que foi preso, que ele fortalecia os moradores e que foi um “X9” que deu a “planta” para a polícia capturá-lo. Devido ao acontecido, a comunidade estava cheia de policiais revistando todos. Escutei um rapaz falando que não poderia ir para casa, pois era foragido da polícia, que ia para outra comunidade da mesma facção porque senão seria preso. Voltei à “Pedra” para dar uma última olhada nas caçambas, pois a esta altura com os acontecimentos, me mandaram ir embora. As duas caçambas estavam limpas, pois o movimento de pessoas foi baixo e a maioria dos produtores que ficavam até tarde, já haviam ido embora. Então, fui embora por temer por minha segurança.

10º dia: 11/02/2022: Cheguei ao CEASA às 4 horas, estacionei o carro no pavilhão 41 e mais uma vez o cheiro de cigarro de maconha estava forte, no entanto não avistei ninguém. Segui em direção ao pavilhão 21, o dia ainda não havia amanhecido. Hoje o dia começou com muito movimento, parecia feira ao ar livre. Os vendedores estavam com suas mercadorias expostas e o comércio estava de “vento em popa”, principalmente a venda dos tomates. Desde o meu primeiro dia, nunca havia visto a comercialização de tantos tomates na “Pedra”. Um vendedor me disse que a caixa estava custando R\$90,00. À medida que o dia passou, perguntei novamente e o valor da caixa havia caído para R\$70,00. Conversei com um rapaz que estava transportando caixas vazias e ele disse que o dia estava sendo bom, que havia conseguido vender muitas. Perguntei-lhe o valor de cada caixa, ele respondeu que uma caixa estava custando R\$2,00, e o amarrado, que são três caixas juntas, saia a R\$3,00. Fui dar uma volta na plataforma de descarregamento dos caminhões da “Pedra”, neste momento avistei várias meninas vendendo produtos, como bolinhos,

chocolate, café etc., mas o que me chamou a atenção foi um caminhoneiro conversando separadamente com uma menina. Após esse episódio, fui até a rampa do pavilhão e observei um carregador arrumando uma carga de cenoura que havia caído, ao lado dele estava o dono da carga, normalmente eu não via o dono da carga. Ele estava reclamando que teria prejuízo, pois o valor da caixa estava R\$150,00. Ajudei-o a recolher as cenouras, no entanto, percebi que a caixa não suportava o que havia antes de cair. Arrumaram algumas sacolas plásticas, e como o dono da mercadoria estava lá, não deixou nenhuma cenoura para os catadores, frustrando-os. Depois disto, voltei minha atenção para a rampa. Vi outro carrinho descendo com sacos de limões, no entanto, alguns sacos se abriram, e rapidamente os catadores começaram a recolher. Tirei algumas fotos e fui à caçamba. Na caçamba havia bastante descarte, então comecei a tirar algumas fotos. Foi quando ouvi um rapaz falando “Oh, mais velho, não pode tirar fotos de pessoas, se continuar tirando fotos, vou te meter bala”. Neste momento o olhei e vi que era um menino, mas estava armado, falei que estava fazendo uma pesquisa, mostrei-lhe minha camiseta identificada e que tinha autorização do CEASA e falei que chamaria o guarda para explicar-lhe tudo, porém, ele saiu correndo dentro daquela multidão e sumiu. Voltei para perto do guarda e relatei-lhe o ocorrido, mas estava um caos, pois o galpão de frente para o pavilhão da “Pedra”, no qual os produtores guardam suas mercadorias, havia fechado e ele estava orientando os vendedores a guardarem os produtos em um galpão do pavilhão 11 ou levassem para casa, pois este pavilhão era pequeno e não comportaria tudo. Muitos dos produtores colocaram seus produtos na frente do pavilhão 21, os que tinham caminhões colocaram dentro deles, os que não tinham, ficaram sem saber o que fazer. Neste momento, ouvi vários produtores e vendedores, discutindo com o guarda, pensei que iriam agredi-lo, estavam acusando-o, no entanto, ele dizia que eram ordens da administração. Aos poucos, os ânimos voltaram ao normal e procuraram uma solução que ajudasse a todos. Subi na “Pedra” e o comércio ainda estava intenso. Percebi que nesse horário, por volta das 14 horas os preços estavam elevados, escutei um comprador falando que se comprasse uma caixa de tomates naquele valor, ele teria que vender ao seu cliente por R\$13,00 o quilo, para tirar o dinheiro da gasolina. Observei um produtor jogar na caçamba várias caixas de tomate, fui tirar fotos e vi que muitos tomates estavam bons para venda. Logo em seguida apareceram vários catadores, separando os tomates e os colocando em caixas. Ao questionar o vendedor, ele disse que tentou levar os produtos até o pavilhão 11 para guardar, mas lá estava lotado e depois foi pesquisar o valor do frete para levar os produtos para seu sítio, no entanto, ao fazer as contas percebeu que teria prejuízo, por isso, preferiu descartá-los para que os catadores aproveitassem.

Fui dar uma volta nos outros pavilhões, quando observei vários caminhões de descartáveis lotados. Fui até uma loja e perguntei sobre aquele volume todo que estava chegando. O vendedor disse que a maioria dos produtos vinha de São Paulo e que normalmente os pedidos chegavam juntos. Conversei com um motorista, e ele disse que havia saído de madrugada de São Paulo e que ainda não havia dormido. Ele disse que dormiria pelo menos uma hora dentro do caminhão somente após descarregar tudo, pois o barulho ali é intenso. O motorista tinha que retornar para São Paulo e carregar novamente. Provavelmente sua próxima carga seria para o Nordeste. Voltando ao pavilhão da “Pedra”, observei que ainda havia tumulto. Notei que vários produtores haviam deixado suas mercadorias em frente ao pavilhão e ido embora, só que alguns produtores preferiram ficar. Cheguei próximo a um produtor que eu já conhecia e ele disse que achava falta de consideração, pois não os foi avisado que o depósito fecharia e foram pegos de surpresa. Ele e outros produtores tinham muitas mercadorias dentro do galpão, então, algumas decidiram dormir no CEASA para tomar conta das mercadorias e tentar vender no dia seguinte, minimizando um pouco as perdas.

11º dia: 12/02/2022: Neste sábado cheguei ao CEASA no exato momento em que um senhor estava abandonando um cachorro, este tentou ir atrás do carro e quase foi atropelado pelos caminhões e carros que ali passavam.

Logo os outros cachorros que ali ficam, começaram a persegui-lo, correram para a caixaria latindo e após não os vi mais. Chegando à “Pedra” conversei com o guarda e fui andar pelo pavilhão. Vi que havia pouco tomate para venda. Perguntei ao vendedor o valor, e ele disse que estava R\$90,00. Havia pouca procura e o preço estava muito alto, então não tinha quase comércio deste produto, até os carregadores estavam cobrando mais caro no volume, R\$2,00 por volume, normalmente é cobrado R\$1,00. Fui até a caçamba e vi várias hortaliças descartadas, como cheiro verde, chicória, cebolinha, agrião etc. Perguntei ao guarda sobre aquele descarte e ele disse que essas mercadorias ficaram encalhadas, estavam murchas e não seriam vendidas no outro dia. Disse que aquele produto era muito perecível e que de um dia para outro sem refrigeração adequada teriam que jogar fora. Peguei alguns maços de cebolinha e esteticamente estava feio, mas tirando as partes amareladas poderia ser aproveitada para fazer um sopão. No entanto, até aquele momento, não havia aparecido nenhum catador.

Entrando no pavilhão da “Pedra” vi um senhor fazendo uma seleção de tomates e os separava em caixas por tamanhos. Ele disse que vendia os tomates grandes, um pouco mais caro, a um dono de restaurante e os demais vendia no CEASA. Vi que a prática de abrir as caixas era corriqueira e de colocar os tomates em caixas abertas, para não machucar ou amassá-los. Continuei andando e constatei que neste dia o comércio de limão estava muito forte, em média o saco do limão-taiti (*Citrus latifolia*) estava sendo comercializado a R\$30,00. O limão siciliano (*Citrus limon*) tinha o valor mais alto e por isso era vendido em menor quantidade e o limão-cravo (*Citrus limonia*) um limão de cor amarelo-alaranjado, estava sendo vendido somente nesta banca. Fui à plataforma de descarga de caminhões, vi vários tomates pelo chão, havia um grupo de catadores, mas nenhum estava selecionando-os. Então, me lembrei da cena da laranja alguns dias atrás. Desci a plataforma para dar uma olhada e percebi que o motivo era o mesmo, havia muito óleo no chão, parecia de motor de caminhão. Mesmo os tomates estando bons, os catadores não os recolheram. Voltei a conversar com o guarda e ele disse que havia chegado alguns caminhões de tomates no pavilhão 31. Então me encaminhei até o pavilhão. Deparei-me com intenso descarregamento. Um rapaz me disse que grande parte daquelas caixas já havia sido vendida e que somente 20% ficariam ali para venda. Observei muitos caixotes quebrados nas caçambas, e não entendi o motivo disto e então voltei ao pavilhão da “Pedra”. Relatei ao guarda o que tinha visto e agradei pela dica. Neste momento na rampa de acesso vi um carrinho com aproximadamente 25 caixas. O carregador desceu tão rápido que perdeu o controle, o carrinho tombou e algumas caixas abriram e caíram diversos produtos como tomates, pimentões de diversas cores, pepinos, aipim. Corremos para lá, mas aparentemente foi só um susto e alguns arranhões. Ajudei-o a catar os produtos, acompanhado de outros carregadores, muito deles falaram que ele era muito “olho grande”, que não deveria levar grandes quantidades de uma só vez, pois mesmo que o carrinho aguentasse a quantidade, era quase impossível dominá-lo na descida, que aquilo que aconteceu era para ser tirado como lição. Os catadores recolheram o resto da carga que ficou no chão. Neste meio tempo ouvi muita reclamação de outros carregadores, pois aquele carrinho que caiu estava atrapalhando o fluxo na rampa, tinha que ser resolvido rapidamente, pois estavam perdendo dinheiro. Fui dar uma volta dentro do pavilhão da “Pedra” e vi que o tomate havia acabado nas bancas. O vendedor disse que tinha mais, só que eles encerrariam a venda, pois era final de semana e ele queria ir embora descansar após uma semana exaustiva e estressante, principalmente devido ao fechamento do galpão que eles guardavam suas mercadorias.

12º dia: 14/02/2022: Nesta segunda-feira, chegando pela manhã ao CEASA, pude observar a chegada de vários caminhões e consequentemente uma baixa rotatividade de pessoas. Dirigi-me ao guarda, cumprimentei-o e fui direto para a caçamba. Observei que havia pouco descarte. Fui para outra caçamba e nessa havia palha seca, então deduzi que havia tido algum descarregamento de abacaxi ou melancia. Olhando ao lado em um galpão que também vendem alguns produtos, vi muita melancia sendo comercializada a R\$5,00. Voltei para a rampa e vi a venda de abóboras, mas reparando nelas, vi

que não eram do descarte. O vendedor disse que custavam R\$10,00 cada, mas que não sabia onde o dono havia comprado. Saí dali e fui ao pavilhão 11. Já no pavilhão 11, o que chamou minha atenção, foi o descarregamento de caminhões com vários tipos de produtos. Cheguei mais perto e observei batatas, berinjelas e outros tubérculos. Havia caminhões menores com logotipo de alguns mercados e sacolões aguardando ao lado da plataforma para serem abastecidos com aqueles produtos. Percebi também que muitas caixas de tomates ficavam separadas por papelão dos outros produtos ou até mesmo uma fileira de caixas vazias. O motorista disse que o preço dos tomates estava altíssimo e se ele colocasse os outros produtos, como batatas, inhames etc., ao lado das caixas, poderia danificá-los. Disse ainda que “o tomate era o rei e a cenoura era a rainha do seu transporte”, e que se acontecesse algo a estes dois produtos que impedisse sua comercialização, seu patrão cobraria do seu salário por cada caixa danificada. Agradei a atenção e continuei minha caminhada.

Fui dar uma olhada na caçamba do pavilhão 11 e vi alguns catadores, um deles eu conhecia e já havia conversado. Quando me aproximei ele falou para outro “esse é o tio pesquisador, ele tira fotos da comida que a gente tira das caixas, ele não é “X9”, pode ter firmeza nele, não irá prejudicar ninguém”. Após alguns dias ali, fiquei conhecido. Perguntei-lhe o que estavam aguardando, e ele disse que normalmente quando há um grande fluxo de descarregamento, algumas caixas quebram ou já chegam quebradas ou sacos rasgados e eles pegam para vender ao lado da “Pedra”. Assim que ele acabou de falar, um carregador deixou cair algumas caixas de pepinos, ao menos duas quebraram, ele me olhou e disse: “não acabei de falar com o senhor, agora eles vão catar o que der e o que sobrar ou o que tiver machucado, eles vão jogar aqui na caçamba”. Fiquei olhando e foi exatamente o que aconteceu. Para minha surpresa, dentro deste mesmo recipiente não havia somente pepinos, e sim restos de aipim, batata-doce e maxixe, todos em bom estado para consumo. Olhei-os recolhendo e reparei que, só ali, eles recolheram mais de duas caixas de produtos. Despedi-me de todos e voltei ao pavilhão 21. Chegando ao pavilhão 21, vi que a caçamba estava cheia de produtos em decomposição. Fui para outra caçamba e esta continuava cheia de palha. Entrei dentro do pavilhão e percebi que o comércio não estava bom, havia muito produto para poucos compradores. Desci a rampa e fui conversar com o guarda. Ele disse que alguns produtores estavam deixando seus produtos na “Pedra” e estavam pagando o segurança para cuidar, outros conseguiram deixar no depósito do pavilhão 11 e outros ainda estavam levando e trazendo seus produtos, mas uma coisa era certa, a reclamação era intensa. Disse que já trabalhava ali há quatro anos e nunca imaginou que aquele galpão seria desativado. O guarda escutou que aquele galpão ia ser destruído para fazer um galpão ainda maior para abrigar um grande varejista que ali se encontrava, pois o seu galpão já estava pequeno para a quantidade de produtos que ele comercializava.

No entanto, ele não quis me falar o nome do varejista, pois poderia prejudicá-lo. Fui dar mais uma volta e resolvi ir almoçar. Fui a um restaurante em frente à unidade operacional, lá não havia muitos carregadores almoçando, parecia que eu estava em outro local, pois as pessoas ali eram mais arrumadas e a comunicação mais branda. Sentei ao lado de um rapaz e começamos a conversar. Ele disse que trabalhava em um Box no pavilhão 31 e que as vendas não estavam indo bem, pois o preço dos produtos havia aumentado muito e a margem de lucro diminuído. Expliquei-lhe sobre a minha pesquisa e perguntei sobre o tomate. Ele disse que por semana, nos tempos bons, seu patrão chegou a comprar cinco caminhões fechados de tomates, que na pandemia ele nunca mais conseguiu comprar essa quantidade, quando a semana está boa ele compra dois, mas normalmente vem um na segunda-feira e outro na quarta-feira. Depois ele explicou que os produtos são perecíveis e é necessário saber a quantidade certa para comprar e comercializar, sem que haja prejuízo. O rapaz me contou que seu patrão já havia perdido uma carga inteira de pimentões, pois conseguiu vender rapidamente seu estoque, ficou empolgado e comprou dois caminhões, no entanto, conseguiu comercializar um caminhão durante uns dias, mas na outra semana não comercializou nada, ficando com todo o prejuízo para si.

Após o almoço, retornei à “Pedra”, chegando fui conversar com o guarda sobre o rapaz que encontrei no almoço, ele disse que é isso mesmo, como são produtos perecíveis e o índice de perda de produtos era grande, com o passar dos anos, o vendedor já consegue minimizar essas perdas trazendo a quantidade de produtos certa, mas que não é uma matemática exata, ainda assim há risco de perdas. Fui embora e no caminho até o carro, vi um abalroamento entre dois veículos que estavam cheios de ovos, aproximei-me e vi que não havia acontecido nada e segui meu caminho.

13° dia: 15/02/2022: Nesta terça-feira, nos fundos do CEASA, na Avenida Pastor Martin Luther King Jr., havia muitas caixas impedindo a passagem de carros e caminhões e houve um pequeno engarrafamento. Consegui estacionar dentro do CEASA e logo que saí, vi muita Kombi preparando seus produtos para venda. Conversei com o motorista que estava acompanhado de um rapaz, enchendo alguns sacos com leguminosas e arrumando cartelas de ovos. Ele disse que estava preparando as mercadorias para comercializar no Complexo do Alemão. Perguntei o valor dos sacos, ele foi mostrando e falando os valores, cada saco era R\$2,00, três sacos na promoção eram R\$5,00, o saco de maçã R\$2,00, cartela de morango era R\$3,00 e quatro cartelas por R\$10,00. A melancia ele disse que dava mais lucro para ele, pagava R\$5,00 em cada uma e cada pedaço dela, era vendido a R\$3,00, em média eram oito pedaços. Os ovos eram o produto que ele mais vendia, estava com cinco caixas fechadas e disse que normalmente vendia aquela quantidade em um dia. Ele disse que morava na Pavuna. Perguntei se não tinha medo de andar pelo Complexo, ele disse que lá era mais seguro do que no CEASA, e que onde ele morava era a mesma facção e ninguém ousaria lhe roubar. Mostrou uma maquininha de cartão e que a pessoa nem precisava ter dinheiro, que seu filho o ajudava nessa parte da cobrança. Agradei-lhe e fui para o pavilhão 21. Encontrei o guarda e fiquei conversando na rampa do pavilhão. Notei que neste dia havia em circulação mais veículos da gerência operacional. Fui dar uma volta e encontrei uma pessoa que trabalha na gerência, ela me falou que na madrugada eles fariam uma fiscalização, pois havia denúncias de que alguns vendedores estavam vendendo seus produtos em horário que não era permitido. A pessoa perguntou se eu não queria participar deste desdobramento das ações, agradei e disse que não, pois as pessoas da “Pedra” poderiam achar que eu estava ali para sondar seu movimento e eu poderia perder toda a confiança que eu havia adquirido entre os produtores e vendedores até aquele dia. Fui até uma caçamba, chegando lá encontrei alguns descartes de tomates e outro muito grande de abóboras com pequenos defeitos. Observei que havia um grupo de cinco pessoas recolhendo esses produtos. Eles eram organizados, alguns pegavam, outros limpavam e um transportava os produtos para a rampa do pavilhão 31 para vender. Vi que algumas coisas dentro do CEASA se repetiam algumas vezes, pois esse mesmo movimento dos catadores se unirem para pegar descartes eu havia presenciado dias antes.

Dirigi-me para dentro do pavilhão da “Pedra” e notei que o comércio de abóboras estava intenso, com diversos tipos deste produto. O vendedor disse que o preço variava pelo tamanho e peso. A abóbora grande e a abóbora moranga estavam saindo por R\$20,00 cada. Perguntei por que tinham o mesmo valor, pois uma era bem maior que a outra, ele deu o exemplo do perfume, que nos “menores frascos, há as melhores fragrâncias”. Concordei com ele e continuei minha caminhada. Na outra caçamba estava uma senhora com uma caixa de ovos selecionando os bons (Figura 7). Cheguei próximo e a reconheci, ela dividiu dias atrás seus tomates com os dependentes químicos. Perguntei-lhe se ela se lembrava de mim, ela me olhou e disse que não, eu lembrei-a do ocorrido dias antes, ela sorriu e lembrou que eu era o rapaz que andava com o bloco anotando as coisas. Perguntei-lhe onde havia conseguido a caixa, ela apontou para um “box” que faz distribuição de ovos e disse que o responsável de lá guardava por até umas duas horas para ela, por isso ela a todo momento passava em frente a esse Box. Ela disse que pegou a caixa e levou para perto da caçamba de descarte, pois iria pegar os ovos bons e jogaria os ruins na caçamba. Notei que ao seu lado havia um balde com água, e tinha um pano de prato nos ombros e algumas cartelas de ovos vazias.

Ela pegava os ovos, passava na água, secava com o pano e colocava na cartela. Como ela ainda estava no começo, havia selecionado poucos ovos, despedi-me e fui dar uma volta dentro do pavilhão.



Figura 7. Caixa de ovos para selecionar.

Dei mais uma volta dentro do pavilhão e fui ver a outra caçamba. A mesma estava vazia, então fui conversar com o guarda novamente. Quando estava me aproximando, chegou junto ao guarda um funcionário do galpão que estava fechado e disse que foi alocado no galpão do pavilhão 11. Perguntei-lhe se lá era igual ao do pavilhão 21, no entanto, ele disse que era menor e estava um caos, pois alguns produtores da “Pedra” levaram seus produtos para lá. Como ele é aposentado estava pensando seriamente em parar de trabalhar. Neste momento o guarda me avisou que havia chegado um carregamento de bananas e até então eu não havia visto nenhum destes chegando ao CEASA. Vi que já estava descarregando. O motorista disse que vinha da Bahia e trazia um carregamento de banana-prata (*Musa spp*). Ele disse que carregava outros tipos de bananas, mas naquele momento só havia prata. Vi que as bananas estavam verdes e que em pouco tempo começariam a amadurecer. Despedi-me e voltei ao pavilhão 21, mas fui direto conversar com a senhora que estava na caçamba selecionando os ovos. Chegando lá, vi que ela estava com cinco cartelas de ovos, e disse que duas ela levaria para casa e o restante ela venderia na rampa da plataforma 21. Com o dinheiro da venda ela faria compras, pois em sua casa estava acabando o feijão e o arroz, mas não iria se preocupar com a mistura porque aqueles ovos já eram o suficiente para sua família. Andando dentro do pavilhão resolvi comprar uma caixa de tomates, então fui pesquisar os valores. Os vendedores estavam comercializando em média a R\$80,00. Fui a um vendedor que já me conhecia e ele fez por R\$70,00 a caixa. Trouxe para casa e dividi essa caixa com diversas pessoas. Abrindo a caixa, vi alguns tomates amassados e outros machucados pela ripa, havia algumas farpas da ripa penetrando no tomate.

14° dia: 16/02/2022: Chegando ao CEASA vi a caçamba do pavilhão 31 cheia, comecei a tirar fotos e neste meio tempo veio um carregador com um volume muito grande em seu carrinho. Uma pessoa que não sei quem foi, gritou que as mercadorias deste carrinho estavam caindo, no entanto, só deu tempo de sair da frente e alguns volumes caíram bem próximos ao meu pé. Olhando para o carregador, vi que o mesmo estava com cigarro de maconha na boca, decidi me afastar sem falar nada, pois no momento que cai alguma coisa no chão, aparecem catadores e carregadores e talvez se eu falasse qualquer coisa poderia arrumar confusão com eles. No pavilhão 21, me encontrei com o guarda e alguns produtores e vendedores, cumprimentei-os e fui até a caçamba. Olhando vi que havia descartes de laranjas, tomates, pimentões, etc. Comecei a tirar fotos e logo apareceram catadores. Neste momento virei-me para a “Pedra” e vi que alguns produtores estavam retirando os tomates das caixas e colocando-os em outras. Reconheci um dos vendedores e o mesmo disse que as caixas fechadas são para compradores que vão comprar mais de dez volumes e estas abertas são para os clientes que compram até três caixas. Disse que cada ripa daquela caixa fechada ele usaria para fazer outra caixa. Eu lhe disse que havia ouvido relatos que as caixas abertas comportavam menos tomates do que as fechadas.

Disse-me que era mentira que elas tinham os mesmos pesos, então o desafiei para tentar colocar dentro da caixa fechada, o total de uma caixa aberta. Falei que se ele conseguisse eu compraria as duas caixas, a fechada e a aberta. Ele deu uma desculpa e disse não ter tempo, e acho que ele não conseguiria, pois eu já tinha visto isso acontecer. Agradei e fui à outra caçamba. Vi que diferentemente da primeira, esta não continha muitos descartes de alimentos, mas de caixas quebradas, aços de estopa e sacos que envolvem a batata-doce. Tirei algumas fotos e após dirigi-me para o meio do pavilhão. No pavilhão havia muitas caixas de chuchus à venda. Perguntei o valor a um produtor e ele disse que ainda estava com preço muito elevado, despedi-me e fui para a rampa de acesso onde o guarda se encontrava. Neste momento, chegaram alguns carregadores ao nosso lado, reclamando sobre levar os produtos para o pavilhão 11, que era longe e pequeno. Perguntei-lhes se estavam ganhando dinheiro e responderam que naquele dia estava bom, um disse que já havia recebido R\$200,00 e que estava carregando tomate e chuchu e que só não ganhou mais porque estava andando mais, mas se o galpão do pavilhão 21 estivesse aberto, estaria com o dobro de dinheiro. Neste momento, passou um comprador e ele ofereceu seus serviços. O comprador perguntou o valor do carroto, ele disse R\$1,00 pelo saco ou caixa, então, combinaram o carregamento e saíram.

Em conversa com o guarda, o mesmo disse que os produtores contrataram mais guardas para proteger suas mercadorias e que eles não estavam levando mais para seus sítios e começaram a deixar na “Pedra” mesmo. Encontrei um funcionário do CEASA e conversei com ele sobre o pavilhão 21 ser lavado todos os dias e perguntei como funcionava. Ele disse que as mangueiras pareciam de bombeiro e que eram acopladas bombas para dar mais pressão à água e que atualmente é lavado com caminhão pipa, mas não todos os dias. Falei que havia ido diversos dias e horários e nunca havia visto caminhão pipa, ele disse que eu não estava tendo sorte. Neste momento vi um rapaz da administração indo em direção a um Box. Fui ao seu encontro. Ele disse que daria uma notificação extrajudicial ao responsável pelo Box, que ele teria até cinco dias para quitar seus débitos de aluguel, senão iria ser fechado. Sempre pensei que as pessoas que eram responsáveis pelo Box eram seus respectivos donos, mas naquele momento descobri que os boxes são concessões, que aquele espaço era cedido para o locador que mensalmente tinha que pagar um aluguel mediante ao tamanho do Box. Voltando ao pavilhão da “Pedra”, ouvi uma discussão entre dois vendedores, um estava acusando o outro de ter pegado o espaço para colocar suas mercadorias, logo foi chamado o funcionário do CEASA para medir o espaço. Um dos vendedores de fato havia adentrado no espaço do outro. Fui para a plataforma de descarrego dos caminhões e vi várias laranjas pelo chão, desci para ver mais de perto e muitas estavam boas, mas estranhei que não havia nenhum catador ali. Os catadores estavam na caçamba selecionando outros tipos de alimentos, então, me aproximei e percebi que as laranjas estavam em num local cheio de óleo. Tirei algumas fotos e fui ao encontro do guarda que estava na rampa de acesso ao pavilhão da “Pedra”.

O guarda estava conversando com um carregador. Ouvi que ele dava-lhe conselhos de como estudar, tomar conta de sua família, que ali não era seu lugar, que poderia acontecer algo de ruim, que ele era um rapaz do bem. Depois que o rapaz saiu, perguntei ao guarda se ele conhecia aquele rapaz fora do CEASA, ele disse que não, contou que ele havia sido expulso da comunidade e estava na rua com sua família e ele o ajudou com alguns trocados e o apresentou a um carregador para este conseguir alugar um “burro sem rabo” para trabalhar ali. Isso aconteceu há mais ou menos seis meses e que depois disso todos os dias que o guarda estava de plantão o via ali trabalhando. Neste momento, olhei para a rampa e vi um carrinho cheio de tomates descendo. O carregador não conseguiu parar, e encostou-se à placa de concreto que dividia uma pista com a outra, mas foi só um susto, nada aconteceu. Despedi-me do guarda e fui embora.

15º dia: 17/02/2022: Chegando ao 15º dia da pesquisa no CEASA, meu último dia foi diferente, não fui direto ao pavilhão 21, fui agradecer e me despedir do pessoal da gerência operacional (Figura

8), pois sem a ajuda deles eu não poderia nem ter começado minha pesquisa.



Figura 8. Gerência Operacional do CEASA/RJ.

No começo da minha pesquisa, eu encontrei com um senhor que tinha mais de trinta anos de serviços prestados ao CEASA e hoje seria o dia da minha conversa com ele. Começamos a conversar e ele disse que havia sido levado por um tio para trabalhar como carregador e como ele era prestativo com todos, isso na década de 80, um gerente do CEASA gostou dele e o colocou para ser auxiliar. Quando completou 18 anos tirou a CNH (Carteira Nacional de Habilitação) e foi designado a trabalhar com uma equipe que visitava os produtores em suas fazendas, sítios ou chácaras, para ver suas lavouras, como adubavam, como era a colheita e ele disse que amava muito esse trabalho. Esta equipe era composta por biólogos e agrônomos que davam dicas, mas levavam a esses produtores, sementes melhoradas, fertilizantes e outras coisas para auxílio nas plantações. Eles também davam palestras nas cooperativas de produtores. Disse também que eles ensinavam os produtores a arrumarem os seus produtos dentro das caixas e que não achavam adequadas as caixas de ripas, pois amassavam e até mesmo perfuravam com suas pontas, principalmente o tomate, que sempre foi um produto de alto valor agregado, com diversas utilidades, mas sua estética tem que estar o mais preservado possível, no entanto, com este tipo de caixote se perde muito em qualidade. Sugeriram usar caixotes plásticos, pois em um primeiro momento teria mais custo, mas aumentaria a durabilidade, diminuindo os descartes. Além disso, eles explicavam aos produtores sobre técnicas de arrumação dos produtos dentro das caixas.

Perguntei-lhe se eles auxiliavam também os carregadores, pois eu havia presenciado alguns acidentes em que caixas de alguns alimentos, principalmente tomates, caíam ao chão e eles não conseguiam colocar todos de volta e fechar a caixa sem danificá-los. Ele disse que esse curso era dado somente aos produtores e que infelizmente o CEASA não contemplou esta classe de trabalhadores, o argumento para isso na época, foi de que havia uma alta rotatividade de carregadores e não valia a pena gastar tempo com eles, diferente dos produtores, em que seus negócios passavam de pai para filho. Ele disse que chegou a fazer um protótipo de caixa para acondicionar os tomates, que levou para um produtor de Paty do Alferes/RJ pedindo que ele enchesse a caixa com a mesma quantidade que normalmente enche uma de ripa e que colocasse com as outras e a levasse ao CEASA para comercializar.

O produtor cumpriu o trato e chegando ao CEASA, retiraram os tomates e constatou-se que a caixa de plástico não furou, amassou ou danificou o produto como acontecia com as de ripa. Levou sua ideia ao gerente da época, e ele disse para esquecer, que não mexeria em time que estava ganhando, pois iriam ter a resistência dos produtores naquele momento em trocar as caixas de ripas pelas de plástico, aumentando o valor da embalagem. Neste momento, ele disse que se lembravam de falar ao gerente que não só as mercadorias não se danificariam na arrumação e transporte, mas que os caixotes eram de madeira e a troca ajudaria ao meio ambiente. No entanto, o gerente disse que ninguém estava preocupado com o meio ambiente. Continuando nossa conversa, ele disse que as visitas aos produtores

duraram até os anos 90 e depois foi extinta. Disse que os preços dos produtos eram muito mais baratos, que os produtores ganhavam mais dinheiro e as pessoas que compravam conseguiam muito mais produtos do que hoje em dia, mas que hoje a variedade de produtos e serviços cresceu muito. Agradei a conversa, despedi-me de todos daquela sala e anotei seus nomes para citar em meu trabalho. Saí da gerência e fui para o pavilhão 21, sempre atento às caçambas de descarte e vi muitos cocos verdes abertos. Ao lado da subida da rampa, observei uma van vendendo cocos. O motorista abria os cocos e armazenava a água em um recipiente para vender na praia, colocaria no gelo e lá mesmo engarrafaria. Indaguei-o se não era muito coco, ele disse que uma garrafinha dava dois cocos e se o movimento estivesse bom na praia, venderia muito rápido.

Fui dar uma volta no meio da “Pedra”, vi um comércio intenso com diversos tipos de tomates, desde o tradicional carmen, cereja, caqui até o débora. Vi várias caixas de tomates sendo carregadas até os caminhões estacionados, neste momento reparei em uma Kombi repleta de caixas de ovos, aproximei-me de uma, apresentei-me ao motorista e perguntei para quem ele venderia, disse que a maioria era para o pessoal que vendia cachorro quente e hambúrguer na Praça do Granito em Anchieta e o restante era para ele vender por R\$12,00 cada cartela. Perguntei-lhe quantas vezes na semana ele comprava mercadorias ali, disse que normalmente eram duas vezes por semana, nas segundas e nas quintas-feiras, e quando o comércio estava muito bom ele ia uma terceira vez. Agradei e fui dar uma última volta nos outros galpões. Andando com o caderno de anotações na mão, fui abordado por vários carregadores perguntando se eu faria compras, expliquei minha pesquisa e conversei com um deles. O que me chamou a atenção foi o nome escrito ao lado do carrinho, até então eu não havia reparado nisso. Observei que outros carrinhos haviam outros nomes pintados. Ele disse que o carrinho era alugado em média por R\$10,00 e que com um carro ele já pagava o valor. Chegando ao Box 41, olhei as duas caçambas e não havia nada. Então voltei ao pavilhão 21, despedi-me dos funcionários do CEASA e do guarda, que foi muito prestativo em minha pesquisa.

DISCUSSÃO E IMPLICAÇÕES

Para descrever a percepção de comerciantes e pessoas que trabalham ou frequentam o CEASA/RJ, unidade do Rio de Janeiro, foi necessário utilizar o conceito de *habitus*, a fim de compreender detalhes do comportamento dos indivíduos. O conceito de *habitus*, inaugurado por Pierre Bourdieu, principalmente, nas análises que efetivou do sistema educacional francês nos anos de 1970, ajuda-nos a refletir sobre o cotidiano investigado. Para Bourdieu (2007), *habitus* se refere a um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (p. 191). Em outros termos, o *habitus* implica a visão que os indivíduos têm de si e da realidade. Isto instaura um sistema de práticas que inclui valores, crenças, desejos, formas de agir, entre outras. Esta forma de agir dos indivíduos, com base no *habitus*, busca regular a interação dos indivíduos com os grupos de que fazem parte, de forma equilibrada, harmoniosa, aceita, cultural e historicamente sancionada. É um sistema autorregulador, uma *accountability*, que permite uma prestação de contas constante, de forma a manter o processo de interação social e a construção do mundo social (Silva and Votre, 2012).

Esta característica de resolução de problemas práticos do cotidiano é a base de estudos etnometodológicos, que se utilizam do conceito de *habitus*. Alguns autores entendem o conceito de *habitus* como uma categoria mediadora (Wacquant, 2006), que transcende as fronteiras do objetivismo e do subjetivismo (Silva and Votre, 2012). Assim, podemos compreender a complexidade entre a ação dos indivíduos e sua subjetividade, bem como certas determinações sociais, que os influenciam a agir de forma padronizada, pois as práticas acabam por cair em um estágio de naturalidade, onde não mais são problematizadas. O esforço de objetivação que realizamos das

práticas observadas faz alusão à observação participante, mas também a uma objetivação participante, com o auxílio das pessoas observadas, mas sem um envolvimento demorado com elas, de forma a não perder a visão crítica dos fenômenos. Segundo Silva e Votre (2012), há que se proceder a uma objetivação e não a uma objetividade. “Não se trata de extrair os dados indiciais e transformá-los em dados objetivos.

A objetivação [...] deve ter em conta o mergulho no contexto para interpretar e descrever tais dados; entretanto, esse mergulho deve se dar de tal maneira que o pesquisador não perca a visão em perspectiva e não se deixe seduzir pelos membros” (p. 29). Desta forma, aproveitamos as ideias de Coulon (1995), em virtude de seu entendimento de que a noção de *habitus* em Bourdieu seria incompleta nos processos de construção e assimilação de papéis sociais, pois o destino do agente social pareceria traçado de antemão. Nas palavras de Coulon (1995): “Sem dúvida, essa assimilação é baseada, em parte, no antigo ‘*habitus*’, mas constitui, no essencial, uma nova aprendizagem prática, baseada na interpretação desse novo universo” (p. 155). O *habitus* seria como um elo entre a estrutura das posições objetivas, a subjetividade dos indivíduos e as situações concretas de ação. Aproveitando essa concepção mais dinâmica, Setton (2002) diz que o conceito de *habitus* se manifesta pela necessidade em aprender a relação entre a conduta dos indivíduos e as estruturas e circunstâncias sociais as quais os mesmos se encontram. Ocorre de forma implícita e inconsciente pela educação familiar e explicitamente durante a educação escolar e pelos meios de comunicação, tais como, televisão, rádio, revista, internet, livros e cinema. Para Andrade (2007), o *habitus* inclui tanto as representações sobre si e sobre a realidade, como também o sistema de práticas em que a pessoa se inclui os valores e crenças que veicula suas aspirações, identificações etc.

Levando em consideração a conduta de alguns indivíduos que trabalham ou frequentam o CEASA/RJ e as estruturas e circunstâncias sociais as quais os mesmos se encontram, pois muitos são moradores de comunidades, explicitam a realidade do ambiente do CEASA, em que é possível se deparar com a comercialização do corpo infantil e de drogas, muita bebida, som alto, pessoas armadas e foragidos da polícia, transitando normalmente e agindo até mesmo à luz do dia. Para muitos desses indivíduos, essa situação, vivenciada durante a pesquisa, é a realidade dos mesmos desde a infância, o que os aproxima de algo “habitual” de sua realidade de vida. A perda de alimentos durante o transporte e manuseio na Central Estadual de Abastecimento CEASA/RJ, unidade do Rio de Janeiro é significativa, principalmente devido às condições de infraestrutura na logística e pela falta de coordenação entre os fornecedores. No caso do tomate, as perdas são ainda mais consideráveis, pois o fruto é muito delicado e altamente perecível, sendo necessário cuidado redobrado no armazenamento, transporte, no uso de embalagens ásperas e principalmente no manuseio excessivo, para que seja reduzido o nível de perdas; além da falta de refrigeração adequada para que os produtos durem um tempo maior, ainda mais em uma cidade quente como o Rio de Janeiro. Torres (2012) afirma que é possível modificar o *habitus*, principalmente com o pensamento crítico, pois os indivíduos se adaptam a cada nova situação e a cada mudança na estrutura social, com novos comportamentos, tecnologias, realidades, condições e restrições.

Em relação ao hábito do desperdício, Souza (2018) afirma que para fazer alguém adotar uma recomendação ou orientação é necessário a modificação do padrão de julgamento que orienta esse *habitus*, construindo condições para que o *habitus* que se quer mudar perca o sentido prático que possui atualmente, em vantagem de um novo que se quer ensinar ao indivíduo. Como por exemplo, o aproveitamento integral dos alimentos, como a polpa, cascas, talos e folhas por serem ricos em nutrientes. Ou mesmo em relação aos comerciantes sobre o correto armazenamento, levando em consideração que a refrigeração auxilia para que os alimentos tenham maior durabilidade e ocorram menos perdas e consequentemente menos prejuízo e desperdício. O processo de descarte ocorre de diferentes formas e ocasiões. A primeira etapa mostra-se em função da aparência do tomate. Os

comerciantes iniciais descartam os tomates que estão machucados pelas ripas das caixas de madeira ou que já estejam muito maduros e inadequados para a venda. Em seguida, diferentes grupos e pessoas buscam os locais onde são descartados para selecionar aqueles tomates que podem ser negociados, doados a instituições de caridade e mesmo para consumo próprio. Mesmo com o reaproveitamento desses tomates descartados pelos comerciantes iniciais, muito desperdício ocorre. Uma das observações realizadas constatou que muitos tomates, mesmo em bom estado, são eliminados por terem contato com o óleo que escapa dos caminhões; estes tomates são totalmente excluídos de qualquer reaproveitamento. Estimar quantitativamente as perdas é muito complexo. As relações de poder dentro do CEASA são fatores importantes e que dificultam, por exemplo, a pesagem, quantificação de volumes e o acesso, pois há que se ter permissão de diferentes agentes, muitos dos quais mantêm relações com segmentos do comércio ilegal de substâncias entorpecentes. Uma das constatações é que algumas instituições já promoveram cursos que minimizariam o desperdício. Entretanto, esses cursos foram direcionados exclusivamente para produtores. As alegações de alguns agentes locais é a de que não adianta capacitar carregadores, funcionários etc., em função da rotatividade dos mesmos. Esta alegação parece infundada, tendo em vista que a interação que foi mantida com as pessoas que trabalham no local mostra uma atuação de vários anos. Assim, o processo de formação está ausente das práticas cotidianas no CEASA, o que indica que não há um processo de aprendizagem planejado.

REFERÊNCIAS

- Andrade, P. 2006. Agência e estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. *Estudos de Sociologia*, 122. , pp. 97-118.
- Bourdieu, P. 2007. *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva, São Paulo, Brasil.
- CICLOS. Centro de Tratamento de Resíduos CTR. Disponível em: <https://ciclusambiental.com.br/>.
- Coulon, A. 1995. *Etnometodologia e educação*. Vozes, Petrópolis, Brasil.
- Dos Santos, L,H,G., Ribeiro, W.P., Colares-Santos, L. 2017. Perda de alimentos: um estudo do tipo de coordenação da cadeia logística e das variáveis que influenciam na perda de tomates. *Desafio Online* v.5, n.3, pp. 468-486.
- FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. Perdas e desperdício de alimentos na América Latina e no Caribe: notícias. 2017. Disponível em <<http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394/>>.
- Fiorentini, D., Lorenzato, S. 2006. *Investigação em Educação matemática: percursos teóricos e metodológicos*. Autores Associados, Campinas, Brasil.
- Gil, A. C. 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas S.A., São Paulo, Brasil.
- Jung, C. F. 2003. *Metodologia Científica*. Ênfase em Pesquisa Tecnológica. 3ª Edição Revisada e Ampliada. Disponível em: <<http://www.jung.pro.br/>>.
- Marietto, M. L. 2018. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, 174. , pp. 05-18.
- Oliveira, C.M., Coneglian, R.C.C., Carmo, M.G.F. 2015. Conservação pós-colheita de tomate cereja revestidos com película de fécula de mandioca. *Horticultura Brasileira*, 334. , pp. 471-479.
- ONU - Organização das Nações Unidas. 2012. Uma em cada oito pessoas no mundo passam fome, alerta estudo da ONU. ONU Brasil. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/>>.
- Philereno, D.C., Dalegrave, J. 2017. O desperdício de alimentos: um estudo de caso na CEASA Serra-RS. *Revista Estudo & Debate*, Lajeado, 241. , pp. 35-46.
- Setton, M. G. J. 2002. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, 20, pp. 60-70.
- Silva, C.A.F., Votre, S. J. 2012. *Etnometodologias*. HP Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil.
- Souza, J. C. 2018. O gosto em Pierre Bourdieu: habitus e práticas alimentares. *Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares*. Disponível em: <https://obha.fiocruz.br/?p=99>.
- Torres, N. R. 2012. Habitus, planejamento e governança urbana. *Cad. Metrop*, São Paulo, 1427. , pp. 115-133.
- Wacquant, L. 2006. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. *Revista de Sociologia e Política*, 26, 13-29.
